

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Artigos Livres

Volume 22 | Número 1 | Ano/período: Janeiro/Abril 2023

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v22i1.14272

ISSN: 2763-8804

O ensino de História contra a anti-ciência:

adaptar o ensino para o hoje

Nelson Luis Hernandes Cabreira Junior¹  

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN ACCESS

Referência

CABREIRA JUNIOR, Nelson Luis H. O ensino de História contra a anti-ciência: adaptar o ensino para o hoje. *Revista Semina*, Passo Fundo, vol. 23, n. 1, p.113- 127, jan/abr 2023.

Recebido em: 15/12/2022 | Aprovado em: 28/02/2023 | Publicado em: 20/03/23

¹Possui graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande(2021). Atualmente cursando Mestrado Profissional em História na Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e Segunda Graduação em Pedagogia pela Universidade Uninter.

O ensino de História contra a anti-ciência: adaptar o ensino para o hoje

Resumo: O presente, artigo tem como objetivo abordar os temáticas que dizem respeito ao fazer histórico atual e as dificuldades que o avanço da disseminação desenfreada da informação, devido ao avanço tecnológico, podem significar para a História atual. Trazendo também para a discussão, as possibilidades acerca da função do professor de História, impressões e usos da História na atual conjuntura política e tecnológica, com o avanço da disseminação de informações falsas sem o devido controle e checagem sobre sua veracidade por parte da população, e de ideologias que confrontam e desacreditam as ciências em geral e a democracia. E como esta nova realidade pode afetar o ensino de História nas escolas públicas, e quais as possibilidades para que este ensino possa ser visto e abordado pela ciência histórica.

Palavras-chave: História; Ensino de História; Teoria da História.

History teaching against anti-science: teaching adapted for today

Abstract: The present article aims to address the themes that concern current history making and the difficulties that the advancement of the unbridled dissemination of information, due to technological advances, can mean for current History. Also bringing to the discussion, the possibilities about the role of the History teacher, impressions and uses of History in the current political and technological conjuncture, with the advancement of the dissemination of false information without due control and verification on its veracity by the population, and ideologies that confront and discredit science in general and democracy. And how this new reality can affect the teaching of History in public schools, and what are the possibilities for this teaching to be seen and approached by historical science.

Keywords: History; History Teaching; Theory of History.

Enseñanza de la historia contra la anticiencia: adaptando la enseñanza para hoy

Resumen: El presente artículo pretende abordar los temas que atañen a la confección de la historia actual y las dificultades que el avance de la difusión desenfrenada de la información, debido a los avances tecnológicos, puede significar para la Historia actual. Trayendo también a la discusión, las posibilidades sobre el papel del profesor de Historia, impresiones y usos de la Historia en la actual coyuntura política y tecnológica, con el avance de la difusión de información falsa sin el debido control y verificación sobre su veracidad por parte de la población, e ideologías que confrontan y desacreditan la ciencia en general y la democracia. Y cómo esta nueva realidad puede afectar la enseñanza de la Historia en las escuelas públicas, y cuáles son las posibilidades de que esta enseñanza sea vista y abordada desde la ciencia histórica.

Palabras-clave: Historia; Enseñanza de la Historia; Teoría de la Historia.

Ao nos depararmos com questões de caráter social em relação ao fazer História no século XXI, onde as convenções sociais estão em constante mudança e as pessoas conquistam mais liberdades individuais, seja em relação ao seu próprio corpo, ser e identidade, ou em relação a sua forma de interagir com as demais pessoas da sociedade, é inevitável que se pondere e repense acerca das funções e intenções que as ciências tem diante da sociedade. No caso da História enquanto ciência e também enquanto ensino nesta nova roupagem social, que surge no final do século passado e se expande de maneira avassaladora com o advento da internet e das redes sociais, traz-se à tona questões sobre a utilidade da História e como fazer com que as pessoas consumam mais conteúdos históricos, pois se a História serve, como disse Heródoto, para “pensar o passado, compreender o presente e idealizar o futuro”, que futuro nos espera se a sociedade não se interessa mais por História como costumava fazer a alguns anos atrás?

As mais diversas informações percorrem o mundo todo em questão de segundos, as opiniões atingem seus objetivos imediatamente após serem disparadas. O mundo está conectado e verdade e mentira colidem entre si e contra a opinião popular que, a partir de agora com o avanço tecnológico dos smartphones, está correndo as ruas em uma velocidade difícil de acompanhar. Se todos estão em constante mudança o tempo todo, juntamente com suas sociedades, costumes e opiniões que se mesclam e se transformam irrefreavelmente, como a História mantém seu milenar ofício de documentar e analisar os costumes e rastros humanos através do tempo? As demandas da população por respostas são imediatas, e muitas das vezes, é no profissional de História que são depositadas as fixas sobre a distinção da veracidade e espera-se o desempate entre falso ou real.

O professor de História ainda é visto com tal prestígio e confiança? Na era da informação, a internet chega nas casas de alunos muito antes dos conteúdos da escola. Como podemos lidar com tamanha desinformação em um momento em que uma grande parcela da população tem acesso a um smartphone e podem receber todo tipo de informação, verdadeira ou não, sobre qualquer tema e usá-las da maneira que bem entender e até para confrontar os professores na sala de aula?

Assim como o mundo e a sociedade, a ciência histórica está em constante mudança. E, frequentemente nas sociedades, é a partir da sala de aula que a demanda por renovação tem seu estopim, por este e outros motivos, as ciências precisam manter a aspiração por manter-se em constante mudança. A sala de aula é a janela da sociedade e as demandas da escola espelham as demandas sociais que estão em efervescência em dado período.

Sendo assim, o trabalho do Historiador também assume o papel de perceber as sutis mudanças nas demandas sociais onde a ciência histórica vai trabalhar através das fontes e evidências para responder certos questionamentos. O trabalho do historiador não é a retórica e o que pode ou não ter acontecido, não é trabalho para a História. Para que haja

uma reverberação na sociedade, o produto do estudioso em história deve ter alguma conexão real com a sociedade em que se pretende ter algum reconhecimento, senão torna-se mais um escrito feito para seus pares e sem impacto verdadeiro e social fora da academia. (GINZBURG, 2011).

Ciência em descrédito

Levando em consideração o período em que vivemos, é incontestável a presença de grandes avanços conquistados pela disseminação da conexão com a internet no mundo inteiro, como, por exemplo, a disseminação de informações acerca de qualquer assunto a qualquer momento. O que também traz opiniões sobre todo tipo de conteúdo em tempo real, visto que o “achismo” é disseminado como verdade na internet. Este fenômeno consiste em pessoas com pouco ou nenhum conhecimento, prova ou evidência sobre os assuntos abordados, disseminarem suas opiniões e convicções pessoais como se fossem verdade e consequentemente convencendo outras pessoas de suas conclusões sem respaldo científico. Resultando, assim, no que é conhecido hoje como a era da pós-verdade, onde fatos científicos e a ciência propriamente dita passam por períodos de desconfiança e até descrédito total ou parcial entre a população.

O surgimento do termo pós-verdade, de acordo com o Dicionário Oxford (2016), foi empregado pela primeira vez em 1992 pelo dramaturgo sérvio americano Steve Tesich, em um ensaio para a revista *The Nation*. Em 2004, o escritor norte-americano Ralph Keyes utilizou o mesmo termo no título de seu livro *The Post-Truth Era: Dishonesty and Deception in Contemporary Life*. Mas foi a revista *The Economist* que determinou a popularização mundial do termo pós-verdade quando publicou, em setembro de 2016, o artigo “*Art of the lie*”, e no mesmo ano o Dicionário Oxford declarou o termo “pós-verdade” como a expressão do ano.

A pós-verdade é definida em diversos dicionários, como: circunstância ou contexto, geralmente de ordem cultural ou política, em que a opinião pública e o modo como esta se comporta, se fundamentam mais em aspectos emocionais falaciosos e na afirmação de convicções pessoais avulsas do que em factos objetivos e observáveis (INFOPEDIA, 2022); aquilo que se relaciona ou que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal (DICIONÁRIO OXFORD, 2016); aquilo que faz parte ou se relaciona a uma cultura em que os apelos para as emoções tendem a prevalecer sobre fatos e argumentos lógicos (DICIONÁRIO COLLINS, 2022); conjunto de circunstâncias ou contexto em que é atribuída grande importância, sobretudo, social, política e jornalística, a notícias falsas ou a versões

verossímeis dos factos, com apelo às emoções e às crenças pessoais em detrimento de factos apurados ou da verdade objetiva (DICIONÁRIO PRIBERAM, 2022); aquilo que se relaciona a uma situação na qual as pessoas estão mais dispostas a aceitar um argumento baseado em suas emoções, crenças, mais do que com base em fatos (DICIONÁRIO CAMBRIDGE, 2022).

Logo, a pós-verdade, existe enquanto uma deturpação da realidade e dos fatos (ou a ausência de deles), em favor da resolução de problemas, principalmente quando não existe solução de fácil e rápida compreensão ou absorção lógica por parte da população e, portanto, assumem a ideia de que existe uma conspiração acerca de um ou diversos dados e acontecimentos relevantes para a humanidade como um todo, para que as causas sejam elevadas para um *status* de sistema de conspiração fora da alçada de qualquer pessoa comum e que não está ao alcance da população para lidar. Negando o poder do estado, da ciência e da tecnologia, estas pessoas que disseminam *fakenews* conseguem moldar pensamentos e comportamentos em diversos países devido à falta de interesse dos internautas em procurar evidências das informações e, principalmente, pela falsa sensação de estar descobrindo um grande esquema de corrupção/conspiração onde todos estão submetidos, exceto quem tem as valiosíssimas informações ultrassecretas que chegaram até suas mãos de forma misteriosa e inesperada.

Como a História, que já foi considerada “*magistra vitae*”, ou seja, a ciência mestra da vida e que não permitia a participação pessoal do pesquisador na transmissão dos acontecimentos e ensinamentos históricos (RÜSEN, 2006), para lidar com um período em que a realidade não se aplica aos fatos e a opinião pessoal sem lógica científica tem mais peso que a própria pesquisa e ciência para parte da população? Como confrontar uma visão de mundo e modo de pensar que não se baseia na verdade, nos fatos e na ciência?

História enquanto ciência

Por ciência, RÜSEN (2015), afirma que: “Ciência é uma forma específica de conhecimento, que se distingue de outras formas por determinados procedimentos de produção e garantia de validade do saber. Saber científico é conhecimento, e conhecimento é uma forma especialmente destacada do saber”. Portanto, quando nos deparamos com um movimento não-intelectual que combate a intelectualidade com opiniões próprias como sendo verdades acima dos fatos científicos que passaram por uma hipótese, método e comprovação, a lógica natural que vem à tona é de que em algum momento na vida escolar destas pessoas, a ciência não foi tratada na sala de aula com a importância metodológica que é exigida por aqueles que a exercem. Permitindo, assim, a abertura de precedentes para a sua desmoralização diante de acontecimentos que afetam um grande número de pessoas, como foi o caso da COVID-19 que, apesar de ceifar milhões de vidas no mundo todo, até hoje é

desacreditada e desafiada por inúmeros adeptos de movimentos anti-ciência e anti-vacina que se espalham pelo mundo. O que inclusive trouxe de volta o Brasil doenças antes erradicadas, como é o caso do sarampo (Ministério da Saúde, 2022).

No caso do sistema de ensino vigente no país, o atual programa de educação, assim como em diversos lugares do mundo onde os resultados importam mais do que a produção e cultivo do conhecimento, acarreta um solo fértil para a proliferação de saberes duvidosos e sem um direcionamento para a realidade da vida e dos acontecimentos do dia a dia.

A tolerância pós-moderna na expressão de valores combina-se assim com a necessidade de controlar suas consequências com o rigor de procedimentos burocráticos segregativos. Ou seja, se a performance for alcançada ao final do semestre, isso se presta a sancionar os meios pelos quais o efeito foi produzido. Convite ao doping legal ou ilegal. Não basta proclamar que precisamos de professores mais autênticos, fiéis aos seus ideais e autênticos em sua expressão e ao mesmo tempo aplicar sobre eles as mesmas regras de desempenho que nos induzem a uma relação produtivista com o saber. (DUNKER, 2017)

A relação produtivista que o autor se refere é uma imposição do capitalismo que é exercida sobre todos os modos de vida do cotidiano. No trabalho, nas compras do supermercado, nas visitas a família, nas relações de amizade etc. Tudo deve ter o máximo de aproveitamento pois, tempo é dinheiro e ter dinheiro é viver bem. Neste sentido, a imposição de uma visão capitalista sobre o ensino enquanto instituição, nos leva a uma constante pressão sobre professores e escolas para que se produzam mais, para que se tenham mais e melhores resultados. As escolas competem entre si dentro e fora das suas cidades, estados e países para que se tornem as melhores em algo, as mais notáveis. E neste meio, a qualidade do ensino entra em risco, favor de mostrar para o mundo resultados quantificados em números, deixando a experiência escolar do primeiro contato com as ciências (principalmente humanas) menos atrativo e interessante.

Sendo a escola a primeira forma de contato do ser humano com a ciência da História, não é possível afirmar que um ensino focado em resultados e aprovações em testes realizados pelo governo, por exemplo, vai dar ao aluno as principais dádivas que as ciências humanas podem proporcionar para os indivíduos que se relacionam com estas áreas, que são o desenvolvimento do pensamento crítico e a opinião própria.

Ainda neste contexto, o que é, no mínimo, interessante a respeito deste período de pós-verdade, é o fato de que apesar de não existir comprovação científica sobre as ideias que são reproduzidas, como por exemplo, a ideia de que a terra na verdade seja plana, continuam a ser reproduzidas e reafirmadas a cada dia por grupos de pessoas totalmente diversos em idade, origem e condição financeira. Em minha perspectiva, são nestas ocasiões em que a

História se vê sem recursos para combater a desinformação. É como se a verdade já não existisse mais como nós a entendemos e estudamos através dos anos, a realidade agora é uma verdade do “depende”. Depende da opinião e da subjetividade de quem tem a informação, a verdade deixa de ser aquilo que está somente baseado em fontes “confiáveis”, “plausíveis” e agora não é necessariamente enunciada por um ser portador de um título, um trabalho, um currículo.

Assim como a pós-modernidade trouxe o debate relevante sobre, afinal, como deveríamos entender a modernidade e principalmente o sujeito moderno, penso que a pós-verdade inaugura uma reflexão prática e política sobre o que devemos entender por verdade e sobre a autoridade que lhe é suposta. (DUNKER, 2017, p. 8)

Nesta passagem, Dunker (2017) traz uma ideia interessante sobre a tão debatida, desejada e ansiada verdade. Diversas áreas do saber trabalham a ideia do que configura algo verídico dentro de suas próprias ciências, mas como já foi afirmado neste artigo, na área da pesquisa, o que é verdade é o que pode ser provado e comprovado, senão não passa de uma hipótese e hipóteses não são verdades (ainda). Dentro desta perspectiva, ponderar sobre o que leva uma enorme porção da população a duvidar da veracidade científica e o que isso tem a ver com o ensino de História?

O Papel do Historiador

De acordo com Giovanni Levi (2014), o trabalho do historiador é pesquisar, resumir e comunicar, como faziam os antigos *histor* que exerciam a função de levar a diante os acontecimentos, feitos e falhas das grandes lideranças com o intuito de transmitir um ensinamento, uma lição. Pois então, depois de tantas décadas de aprimoramento da teoria da história e da didática da mesma, mesmo após de exercer um papel primordial nos séculos passados auxiliando na formação dos Estados-nação enquanto criavam e recriavam a nacionalidade de países inteiros, e mesmo posteriormente, no grande momento de prestígio da História ao trazer à tona os relatos das vítimas dos campos de concentração, vivemos um período de descrédito que é compartilhado entre as ciências, principalmente as humanas.

Ainda assim, embora o autor afirme que de certa forma o problema esteja: “(na) característica da comunicação dos historiadores. Sempre trabalhamos sobre algo que não se pode afirmar inquestionavelmente, que não se pode resolver definitivamente.” (LEVI, 2014), particularmente, tomo esta característica da história como envolvente e apaixonante. Sempre existe algo a mais sobre a vida de alguém ou sobre um lugar ou evento. E, mesmo

que seja atraente para quem pesquisa e vive a ciência histórica, para quem a consome ou pretende consumir, histórias não finalizadas ou complexadamente deixadas em aberto, talvez não despertem o interesse e atração desejados principalmente se tratando de uma geração cada vez mais afundada nas entranhas da tecnologia e da telecomunicação, onde as informações são arremessadas o tempo todo na nossa cara em todo momento, em qualquer lugar. A televisão já foi apontada como uma grande inimiga dos livros, pois conta histórias completas, que levariam dias para serem lidas, em questão de horas. E agora, se tratando da internet, essa questão é aprofundada, pois qualquer assunto está a palma de sua mão em uma velocidade surpreendente, e isso faz com que as pessoas se tornem viciadas no imediatismo midiático das informações prontas e mastigadas sendo servidas a todo momento sem que seja preciso se esforçar ou sequer pensar para obtê-las.

Encaminhando-se para a finalização deste trabalho, trago três autores que opinam sobre a História enquanto ofício e enquanto ensino. Para estes autores, é unânime que a prática historiográfica possui problemas quando se trata de chegar ao público. Ou seja, no meio acadêmico, os historiadores estão veementes produzindo, pesquisando e compartilhando seus estudos uns para com os outros, e isso é ótimo. Porém, quando se trata de romper com as paredes das universidades e chegar as pessoas que não tem acesso ao ensino superior, a História de contemporânea, a que é feita nos dias hoje ao redor do globo, seja nas mais renomadas universidades do mundo ou nas cidades de interior, não tem alcance suficiente para que adentre as casas, rodas de conversa e debates entre as pessoas que não possuem diplomação nas áreas das ciências humanas.

As pessoas perderam o interesse na História?

Em contra partida a esta onda crescente de *fake news* espalhadas pelas redes sociais, existem canais nas principais plataformas de vídeo que tem como objetivo, divulgar a real ciência e enfrentar este período de desinformação, de maneira moderna e penetrante. Estes canais são criados por cientistas e pesquisadores das mais diversas áreas com a intenção de disseminar a ciência sem interferência dessas correntes de desinformação e “achismo” que tenta desacreditar a ciência e, apesar de aparentemente, estarem menos atuantes, ainda fazem parte das redes sociais no nosso dia a dia.

Com o exemplo da popularização do *Tiktok*, os vídeos longos perderam seu espaço para um formato onde a informação deve ser passada em questão de poucos minutos, ou ele não mais prende a atenção dos jovens. E para aqueles que se interessaram pelo conteúdo divulgado e gostariam de consumir uma versão mais detalhada sobre aquele assunto, podem acessar em poucos cliques o canal daquele mesmo criador de conteúdo, na plataforma do *YouTube* e acessar um vídeo de maior duração e com um conteúdo muito mais abrangente.

Estas maneiras de chegar ao público jovem atual, surgiram durante a pandemia, onde o celular era a única fonte de conexão com o mundo externo, mas ainda resistem mesmo no período pós-pandêmico e, são com certeza, um grande adendo para todas as formas de ensino no Brasil e no mundo. Pois desmistificou o ensino a distância, e permitiu novas maneiras de se pensar o ensino tanto nas escolas de ensino fundamental e médio, quando nas universidades públicas e privadas que já tinham um sistema híbrido em alguns casos.

Com isso, o papel da História se mescla com a tecnologia que avança como um tsunami sobre as sociedades e, sem qualquer dúvida, engole as crianças e jovens nos dias de hoje. A História ainda pretende cumprir sua função, com certeza, e agora ao invés de olhar para a tecnologia e vê-la como uma inimiga, como foi no passado com a TV e o Rádio, pode se aliar a ela, para criar um lugar onde todos tem acesso ao conhecimento histórico, seja ele de curta profundidade, como um vídeo de três minutos para o *Tiktok*, um vídeo mais abrangente de dez, vinte ou trinta minutos no *YouTube* ou os antigos e adorados livros que podem interagir com o leitor em qualquer ambiente através da tela de um celular, tablet ou computador.

Segundo a autora Sônia Meneses (2019), em seu trabalho intitulado ‘Uma história ensinada para Homer Simpson’ onde, segundo a mesma, as motivações que permeiam as decisões dos indivíduos para que tenham um quase total desinteresse pelas ciências humanas, principalmente a História, se dá ao fato de que o conhecimento histórico não está aqui para o entretenimento destas pessoas. O fato de que não existe diversão ou espanto nas curiosidades da ciência de verdade, feita através de um método, parece ser um aval para que as pessoas comuns, que não fazem ou nunca fizeram parte do mundo acadêmico, tratem as ciências (em sua grande maioria as ciências humanas) como se fossem algo dispensável e inútil. Qual seria a utilidade de armazenar ou compartilhar conhecimentos sobre outras culturas, senão a minha?

De que interessa essa fofoca, se eu não conheço nenhuma dessas pessoas? Por que eu teria que saber sobre relações políticas ou diplomáticas de outros países senão o meu? Qual a importância de saber sobre como vivem e se desenvolvem as culturas indígenas, se em nada isso afetaria a minha vida? Este tipo de pensamento é, em grande parte, o que alimenta um estilo de vida onde nada mais importa a não ser o próprio umbigo. “Se não me diverte ou não me afeta, então não tenho nada o que ver com isso”, é o que parecem pensar. E é neste tipo de pensamento limitador que surgem as teorias da conspiração, sempre relacionadas com a própria realidade e seus arredores. Professores são taxados de doutrinadores com a função de corromper seus filhos, vacinas tem chip comunista (mesmo que não façam ideia do que isso significa) para controlar suas vidas roubando seus dados e os governantes são marionetes controladas por grandes empresas.

A produção de uma história mantenedora do *status quo*. Se nada demove Homer, a história a ser ensinada deve apenas entretê-lo, ser divertida, fazê-lo rir. Uma apropriação reativa que se vale de uma linguagem atualizada, criativa, mas que tem como objetivo desequilibrar procedimentos de reflexão sobre os processos históricos, desqualificar o papel do professor e de pesquisas históricas que não atendam as demandas políticas e os interesses desses novos produtores. (MENESES, 2019).

Sendo assim, o papel do professor, segundo esta nova onda de pensamento na era da pós-verdade, será reduzido a produção de uma escola conteudista e que arrume alguma maneira de manter o interesse dos jovens através da diversão, para ocupá-los, ou na preparação para as provas de vestibular e ENEM, ou seja, o objetivo da escola agora será o de entreter ou gerar lucro nos novos modelos de ensino que surgem como a mais nova modelo manequim exposta na vitrine para o mundo. Ensinar para gerar lucro através de mão de obra melhor qualificada pelas universidades públicas ou para divertir os filhos dos donos das empresas onde a mão de obra vai trabalhar.

Porém, para Antonie Prost (2011), o fato de a História estar em declínio nas áreas da educação e em descrédito no conceito popular, se deve ao fato de que os próprios historiadores não se preocupam com o ensino da ciência que tanto praticam. Neste sentido, é estranho, no mínimo, pensar que historiadores pelo mundo não se preocupem em como seus trabalhos, as vezes de uma vida inteira, serão passados adiante por entre as pessoas comuns que não tem acesso as universidades, que sabemos, infelizmente, não ser para todos (embora alguns gostem assim).

Entretanto, se “O professor tem que entender a educação como o historiador tem que entender a história” (RUSEN, 2006 p. 3), enquanto licenciados em História se veem como pesquisadores e professores, aparentemente, não existe a mesma realidade de pensamento por parte dos bacharéis, principalmente, por não possuírem uma vivencia escolar dentro de sua formação. Por que se existe uma onda de descrédito e desinteresse pela ciência e pelo ensino, que foi fortemente agravadas com os decorreres e perdas da pandemia, tanto em vidas quanto em recursos na área da educação e da ciência, o que ainda falta para que o interesse da ciência histórica se volte para o ensino de hoje e para que se procure conquistar o interesse das novas gerações na História, como a ciência mais abrangente e acolhedora dentre as áreas de humanas, pois é a ciência onde todos estão representados de alguma forma, principalmente em um país tão diverso e miscigenado como o Brasil?

Seguindo nesta mesma linha de discussão, onde se explora o porquê de existir uma escassez de interesse na área da História nas escolas, trago aqui uma opinião que, particularmente, eu concordo em parte, mas não descordo totalmente. Antonie Prost acredita que um dos problemas do ensino de História está presente na forma como ela é trabalhada cronologicamente e a partir de conceitos já antiquados para os tempos em que nos encontramos. O autor defende que

O fato é que a história escolar continua a basear-se em sínteses elaboradas há 25 anos atrás: o que significa uma renovação da história que não a leva em consideração? A questão será rejeitada, sem dúvida, por algumas pessoas: afinal de contas, a história não tem o objetivo primordial de ser ensinada nas escolas; (PROST, 2011, p. 256)

Segundo a crítica de Prost, a História escolar ainda se resume a conceitos criados há mais de 25 anos, e isto seria um dos motivos para que esta seja vista como algo tão defasado e fora da realidade, mantendo os alunos num espectro de que a História não faz parte de suas vidas e não tem nada a se relacionar com suas próprias vivências. O que é um pensamento equivocado, mas que tem mais a ver com a maneira como a escola apresenta a estas crianças a História do que como estes alunos a percebem. E se pensarmos por esta perspectiva de que a História não tem ou não deveria ter o papel primordial de ser ensinada nas escolas, então como as pesquisas produzidas nas universidades chegariam na população? Seguindo esta linha de raciocínio, a ciência histórica não tem, por parte de seus cientistas, a procura nem interesse por se fazer divulgar e entender pela maior parte da população.

E para último, mas não menos importante opinião acerca do fazer História no século da informação imediata, José Carlos Reis (2012) nos traz uma perspectiva de que a realidade de cada sociedade interfere diretamente na maneira como estas lidam com seus próprios passados. E, assim, o motivo pelo qual a sociedade Brasileira parece não estar ciente de seu passado e nem da História mundial acerca de assuntos extremistas como fascismo, por exemplo, e vemos recorrentemente estas tendências flertando com diversas correntes políticas e discursos em um país, com uma diversidade tão grande de culturas e que certamente seria apagado da existência, caso o movimento nazista fosse vitorioso, nos mostra o quanto faz falta lidar com o próprio passado, principalmente no que diz respeito a punir os infratores que mancharam nossa caminhada no tempo. Segundo José Carlos, as sociedades se relacionam de modo diferente com seus passados, ou seja, o mesmo evento pode e deverá ter perspectivas diferentes em diferentes regiões e civilizações. E mais ainda quando se tem a ótica sobre povos distintos do seu próprio. Esta divergência de visões tem relação com a maneira como cada povo lida com seu passado, levando em conta principalmente sua cultura e costumes (REIS, 2012).

Portanto é demasiadamente comum e fácil olhar para um costume étnico de outra região e julgá-los por exercerem sua própria religião e costume de maneira totalmente livre e dentro de suas convenções sociais. Porém, para fazer o mesmo julgamento dentro da nossa própria ótica e julgar nossos próprios erros, mesmo que estes já tenham sido condenados como desumanos (e o Brasil tem um histórico de atentado contra os direitos humanos),

torna-se dificultoso e até cínico, pois tende-se a perdoar os infratores e afastar os acusadores. E mesmo que nada apague os erros que acontecem no passado, nosso país tem a tendência a fingir que nada aconteceu. Não existe racismo, não existiu ditadura militar e, agora, não existem correntes políticas fascistas no país.

Conclusão

Enfim, após considerar as contribuições adquiridas das ideias destes autores, dentre as imediatas conclusões que surgem, as mais evidentes, nos levam a crer que a crise vivenciada pelas ciências humanas e principalmente pela História não é, em parte culpa nossa, os historiadores? Pois, se como reforça Levi (2014), o trabalho do Historiador é pesquisar, resumir e comunicar, estamos falhando nesta última e tão importante parte que é a de repassar nosso trabalho ao público. E neste quesito, Levi e Meneses concordam em um ponto, a História que está sendo feita não tem o poder de se espalhar pelas ruas das cidades ou pelos campos, e isto não se dá porque a produção historiográfica é ruim, mas sim porque é de difícil compreensão para a maioria da população, principalmente uma população que cada vez lê menos e se preocupa menos em adquirir conhecimento.

Segundo Levi (2014), o desprestígio da História enquanto ciência, se dá a tamanha complexidade com que as informações são repassadas. Em contrapartida, a televisão (e hoje em dia a internet, principalmente), por exemplo, leva informações simples e mastigadas em uma velocidade impressionante e totalmente impossível de acompanhar, diretamente para a casa do telespectador, e consegue manter sua atenção de maneira muito mais concreta e profunda do que um livro. Principalmente quando se trata de livros de História, infelizmente. E livros de História complexos e difíceis de compreender, não serão escolhidos e não vão entreter a legião de “Homer” que vive grudada 24h por dia num smartphone consumindo todo tipo de informação duvidosa e pretenciosa que circula pela internet.

Segundo Lucien Febvre, a função da História é ensinar o mundo ao mundo, e entretanto, para Marc Bloch, a História é a ciência dos homens no tempo. Pois eu concordo com ambos, e acredito que a História vai muito além. A História tem o poder de levar o leitor a viajar pelo mundo inteiro, de maneira segura e guiada, sem floreios e arranjos para que fique mais interessante ou impressionante. O que deve ser contado, é repassado exatamente como foi visto, entendido e compreendido pelo historiador. E além desta função primordial de recolher e repassar conhecimento, a História pode e deve ser instrumento de transformação. Cada sociedade tem as suas necessidades, é claro, e é função da ciência perceber estas faltas para que seja possível buscar formas de auxiliar no preenchimento destas lacunas sociais.

O Brasil agora vive um momento de rombos na consciência histórica, e além de ser a ciência que estuda a passagem do homem no tempo ou a ciência que ensina o mundo para o mundo, precisaremos ser a ciência que fará as ciências humanas voltarem a ter seu prestígio reconhecido e notado pela grande massa da população. E, nesta perspectiva de mudança social, a maneira mais eficiente de atingir positivamente uma sociedade e influenciar uma mudança de paradigma, é através da educação. Neste sentido, historiadores que, mesmo trabalhando nas universidades públicas do país, não se veem enquanto professores e educadores, precisam abrir seus olhos para a necessidade desta era para que se faça a mudança de baixo para cima.

Inversamente, o homem, mesmo se pouco culto, contanto que seja um pouco observador, se espanta ao olhar ao seu redor. O universo em que vive lhe parece, se detiver um pouco a atenção, incompreensível, uma fonte de problemas não resolvidos. Só a história pode responder a este espanto e reduzir, ou pelo menos limitar e precisar, o absurdo do mundo. Ela lhe explica o porquê das estranhezas que constata, dá profundidade ao que de outra maneira seria uma superfície sem densidade. Não há outra maneira de captar para a história o interesse que o homem tem pelo homem. Os especialistas esqueceram-se demais que a história, pelo menos a ciência dos fatos que concebiam, somente se justificaria à medida que respondesse aos problemas levantados pelo presente. (ARIÉS, 1989, p. 161.)

Neste trecho, por exemplo, Phillippe Ariés tende ao otimismo ao afirmar que mesmo que não se trate dos mais brilhantes dos seres humanos, se ele for observador o suficiente, vai se interessar pelos seus arredores e, conseqüentemente, pela História do mundo que o cerca. Porém a realidade pode não ser tão atraente e animadora. Nos últimos dias, infelizmente, temos presenciado no Brasil, um avanço de uma corrente antidemocrática que vem infligindo um difícil momento em relação ao resultado das eleições, e como um grupo minoritário não aceita este resultado e tenta instaurar algum tipo de golpe a democracia, mesmo que sem nenhuma perspectiva de que isso se concretize. Já vimos isso antes e, aparentemente, a História não ensina nada a quem não está disposto a aprender. Em quais aspectos, seria possível afirmar que estas pessoas não possuem instrução acerca da História mais comum a todos, referentes aos regimes políticos, a constituição do nosso país, nossos direitos e deveres, e por que ainda insistem em tentar atacar a democracia em atos antidemocráticos, se a História já nos mostra que ditaduras não são benéficas para nenhum povo que já teve sua liberdade sufocada?

Caberia a História ensinar e preparar o ser humano para a convivência em sociedade com civilidade e respeito aos direitos individuais e coletivos da nação e do mundo, mas aparentemente o ensino brasileiro não cumpriu seu papel e o básico não foi repassado as

gerações que seguem até os dias de hoje, pois um povo que clama por retirada de direitos por simplesmente não aceitar resultados eleitorais, demonstra uma falta de consciência histórica que deveria ser a preocupação de todos os cientistas das áreas humanas presentes, não só aqui em território brasileiro, mas também em todo o mundo.

Neste contexto, o papel social da História no ano de 2023, num mundo onde a tecnologia permite a conexão de qualquer pessoa com qualquer informação no mundo, deve ser a de orientar e de guiar, pois não existe maneira cabível de controlar o fluxo de conteúdos que corre ao redor do globo e como estas informações serão interpretadas, pois conhecimento sem orientação, pode vir a exercer o efeito totalmente oposto ao planejado pelo cientista que pesquisou, catalogou, preparou e se deu ao trabalho de divulgá-lo ao mundo. O historiador, mais uma vez, deverá ser visto como um alicerce na sociedade, mantenedor de um conhecimento teórico e prático, mas que não pode interferir no livre arbítrio de ninguém. Quase como uma entidade. Com a única certeza de que como uma vez disse Aldous Huxley (1894 – 1963): “A mais importante das lições da História é que a maioria dos homens não aprende nada com as lições da História.”.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história?** In: GONÇALVES, Márcia de Almeida et.al. (org). *Qual o valor da história hoje?* Rio de Janeiro: FGV, 2012, p. 21-39.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Pedagogias da saudade: a formação histórica de consciências e sensibilidades saudosistas. A vida e o trabalho do poeta e professor português António Corrêa d’Oliveira.** Revista História Hoje, v. 2, nº 4, p. 149-174, 2013

Ariès, Philippe, 1914. **O tempo da história** / Philippe Ariès; tradução Roberto Leal Ferreira. — Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

Boletim Epidemiológico | Secretaria de Vigilância em Saúde | Ministério da Saúde 10 Volume 53 | N.º 28 | Jul. 2022.

DICIONÁRIO Cambridge. Pós-verdade. 2018. Disponível em: . Acesso em: 22 dez. 2022

DICIONÁRIO Priberam. Pós-verdade. 2018. Disponível em: . Acesso em: 22 dez.. 2022.

DICIONÁRIO Collins. Pós-verdade. 2018. Disponível em: . Acesso em: 22 dez. 2022.

DICIONÁRIO Oxford Advanced Learner's Dictionary. Pós-Verdade. Oxford University: Press. Oxford, 2016.

DUNKER, C. **Subjetividade em tempos de pós-verdade.** In: et al. *Ética e pós-verdade.* Porto Alegre: Dublinense, 2017.

FAGUNDES, Bruno Flávio. **É possível fazer tábua rasa do passado... e do presente dos historiadores?** In: DELGADO, Lucilia Neves; MORAES, Marieta. *História do tempo presente.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, p. 15-34.

GINZBURG, Carlo. **Controlando a evidência: o juiz e o historiador**. In: NOVAIS, Fernando A.; SILVA, Rogério F. da (Orgs.). *Nova História em perspectiva*. Vol. 1. São Paulo: Cosac Naify, 2011, p. 341-358.

HARTOG, François. **A testemunha e o historiador**. In: _____. *Evidência da história: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 203-228.

HARTOG, François. **Ordens do tempo, regimes de historicidade**. In: _____. *Regimes de Historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p.17-41.

LEVI, Giovanni. **O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar**. *Revista Tempo*, v. 1, 2014, p. 1-20.

MENESES, Sônia - **Uma história ensinada para Homer Simpson: negacionismos e os usos abusivos do passado em tempos de pós-verdade**. *Revista História Hoje*, v. 8, nº 15, p. 66-88 – 2019

PROST, Antoine. **Os conceitos**. In: _____. *Doze lições sobre a História*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 115-131.

PROST, Antonie. **Verdade e função social da história**. In: _____. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 253-272.

REIS, José Carlos. **O tempo histórico como “representação”**. In: *Teoria & história: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 25-66.

RÜSEN, JÖRN. **DIDÁTICA DA HISTÓRIA: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão**. *Revista Práxis Educativa*. Ponta Grossa, PR. v. 1, n. 2, p. 07 – 16, jul.-dez. 2006.

Teoria da história: uma teoria da história como ciência / Rösen, Jörn; tradução de Estevão C. de Rezende Martins. -- Curitiba: Editora UFPR, 2015.